

cescontexto

As casas vistas de dentro e de fora

Organização

Carlos Fortuna

Nº 21

Julho, 2018

Debates

www.ces.uc.pt/cescontexto



Propriedade e Edição/Property and Edition

Centro de Estudos Sociais/Centre for Social Studies

Laboratório Associado/Associate Laboratory

Universidade de Coimbra/University of Coimbra

www.ces.uc.pt

Colégio de S. Jerónimo, Apartado 3087

3000-995 Coimbra - Portugal

E-mail: cescontexto@ces.uc.pt

Tel: +351 239 855573 Fax: +351 239 855589

Comissão Editorial/Editorial Board

Coordenação Geral/General Coordination: Sílvia Portugal

Coordenação Debates/Debates Collection Coordination: Ana Raquel Matos

ISSN 2192-908X

Índice

Nota de abertura	3
<i>Carlos Fortuna</i>	
As casas em dois sentidos	4
<i>Madalena Duarte</i>	
Violência dentro das casas	8
<i>Sílvia Portugal</i>	
O cuidado em casa e o cuidado da casa	16
<i>Carolina Anselmo</i>	
Mudar de casa	19
<i>Bruno Franco Alves</i>	
Conexões Público-Privado	24
<i>Violeta Rodríguez</i>	
Morar fora de casa: uma experiência de resistência no Bairro da Merced, Centro Histórico da Cidade do México	28
<i>Rómulo Oliveira</i>	
Janela de classe e o olhar no olho da casa	33
<i>Adelino Gonçalves</i>	
O(s) lado(s) de fora da casa	43
<i>José Manuel Mendes</i>	
Os “sem-casa”... e depois?	46
<i>Graça Índias Cordeiro</i>	
A rua e a casa, que relação?	49
<i>Paulo Peixoto</i>	
A casa despida	53

Janela de classe e o olhar no olho da casa

Rómulo de Oliveira, Centro de Estudos Sociais e Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra
lo.ol.andrade@gmail.com

A caverna é o primeiro local na história que associamos e percebemos como a casa. Apesar de não ser o primeiro abrigo é o primordial ao se constituir em casa ora temporária, dada a as condições sazonais e os recursos disponíveis no território, ora permanente, como afirma Jarzombek (2013). Deste lugar, o que importa à presente reflexão é um elemento de transição, uma abertura na barreira posta na fronteira do dentro e fora. A janela tem este significado e na caverna era fundido à porta como única entrada, única saída, ao separar mundos.

As primeiras janelas, encontradas e escavadas. O esforço de criá-las

Em algum momento, esta fusão entre janela e porta foi desfeita no abrigo e morada ancestral, que ocorria no subterrâneo e obscuro sítio que nos protegia. É provável que as primeiras janelas encontradas e incorporadas ao viver primitivo aos poucos assumiram funções especiais à sobrevivência. Adquiriram importância visível e, conseqüentemente, empreendeu-se esforços notáveis no trabalho de escavar, numa tarefa complexa que envolvia certos riscos, conhecimentos, ferramentas e técnicas.

Desta perspectiva assumida para este texto, percebe-se a especialização derivada da necessidade de funções separadas, apartadas, esvaziadas das aberturas únicas da caverna. As novas aberturas ganham significações pelo tamanho e posição que ocupam na terra, na rocha que divide o dentro e fora, tendo como bom exemplo a paisagem produzida pelo povo Navajo em *Bandelier National Monument* em Santa Fé, nos Estados Unidos.



Bandelier National Monument

Fonte: <https://www.atlasobscura.com/places/bandalier-national-monument>

As janelas em tamanhos e posições diferenciadas dão a entender que são como elementos de controle ambiental dos abrigos, em uma revolução do cotidiano dos grupos primitivos que buscavam mais espaços internos para a realização de atividades longe das intempéries. A

criação artificial da janela, além de necessidade, é impulso interessante e acaba por nos povoar e instigar crenças e credos.

Prolongando a reflexão que se levanta, esta criação, como toda criação humana que busca reproduzir algo natural de forma artificial, teve maior repercussão a partir do domínio da tecnologia do fogo, quando o ambiente protegido naturalmente das intempéries do vento e chuva em sua eterna guarda não era tão imprescindível para manter a chama. Da caverna, da luz, da chama, da luta anterior a existência da janela, um insight surge de outra luz moderna projetada na escuridão. O cinema recorda esta pré-história em *A Guerra do Fogo* (1981) de Jean-Jacques Arnaud e a luta do Cro-Magnon em manter a chama acesa e aprender a produzi-la. Ao perdê-la se lança em uma jornada na qual encontra novas tecnologias e abrigos acima da terra, retornando com os aprendizados.

Repisando a idéia agora apresentada como enunciado: a janela que se escava acompanha a evolução civilizatória e o domínio de muitas tecnologias da construção e controle ambiental, pela possibilidade de se identificar um planejamento no esforço para escavar e abrir um buraco em parede, em terra ou em rocha, definindo tamanho, altura e posição que, aos poucos, são aprendidos e compreendidos num processo de saber.

Tentador também é recorrer a outra abertura/janela que proporciona irradiações pela história e pelo pensamento humano, como nas reflexões dos reflexos presentes em *A República* (2014) de Platão em que sombras, ruídos e movimentos do cotidiano que são a realidade da caverna, acabam por se transformar em outra realidade quando há liberdade de um homem que caminha para fora e traz as novidades. O homem livre voltado para a luz transpassa a porta/janela oferecendo a todos a idéia de transformação pela libertação. A realidade muda pelo fato de se voltar para a entrada e saída da caverna, ou mesmo olhar através dela.

Janelas em diferentes funções, como filtro transparente

Assim, as janelas antes encontradas, depois escavadas, começam a ser criadas nos abrigos construídos na superfície, sob critérios e vontade dos grupos sociais, para dar lugar à vida cotidiana, em acompanhamento à complexidade de novas atividades de sobrevivência, num aprendizado milenar de construir e constituir as aberturas em paredes e rochas (Jazombeck, 2013; Ching et al., 2017). Em outras palavras, a evolução no interior do abrigo com divisão de atividades e funções, adquire um significado que ligamos à casa.

Neste processo de divisão do espaço doméstico para cada função uma nova e diferente janela é produzida e materializada: janela para sala, janela para quarto, janela para cozinha, janela para casa de banho, janela para arte e janela para olhar o céu. Há janelas para todas as funções.

O elemento janela ganha um espaço na sociedade e por isso, empreender um esforço para seu entendimento como objeto e lugar faz sentido, o que é observado em autores como Georg Simmel e Henri Lefebvre. Na diferenciação que faz da porta que possui o significado de um rito de passagem, de entrada e saída, de transposição, Simmel (1996) vê que representa a transparência, o desvendamento de uma intensa interação contida que não convoca, necessariamente, a transmutação do indivíduo privado em sujeito social. Permite, talvez, um alargamento deste indivíduo privado, se a posição da janela descortina uma paisagem importante à presença social.

Tanto Simmel (1996) quanto Lefebvre (2004) identificam na janela esta posição de observação, um caminho para o olhar. É fato que Simmel prefere a porta, pois a janela permite uma sociação com o outro do mundo exterior sem trocas imediatas e, sob esta percepção, a porta carrega a ideia de ponto de troca total, sê dentro, sê fora. De um lado ou de

outro. Privado e Público. Contudo, Lefebvre (2004) concebe a janela possuidora de uma característica demasiado importante por posicionar o observador em ponto privilegiado, no qual o distanciamento relativo permite a identificação dos ruídos que tomam conta da rua, do espaço público. Este filtro contribui para a percepção do contexto, o que impulsiona a admitir a janela como um critério metodológico de investigação para a ritmanálise (Lefebvre, 2004).

Em *A Dialética da Duração* (1988), Gaston Bachelard já busca tratar as primeiras características da ritmanálise que atribui ao português Lúcio Alberto Pinheiro dos Santos, erradicado no Brasil. Os ritmos, para Bachelard, se associam à métrica poética, acompanhando os tempos do cotidiano. É desta combinação entre poética e ritmo, que aplica à sua fenomenologia no espaço da casa descrito em *A Poética do Espaço* (1993), compreendido como uma representação psicanalítica do sujeito. Seu argumento usa a fenomenologia para apresentar uma leitura poetizada dos compartimentos como integrantes do Id, Ego e Superego, o que nos instiga a olhar a janela como olho da casa.

O fôlego inicial, dado por imagens pré-históricas e uma identificação conceitual e filosófica que reconhece na janela um objeto e local integrado ao indivíduo e sua história, alimenta um certo espírito do texto no qual olhar para as janelas e identificar significados, histórias, tecnologias das diversas janelas, motivos e formas para que foram criadas, interessa. As suas primeiras funções, a identificação com o sujeito e a transformação social resultante de contínuas e diferentes apropriações, vêm agora tomar lugar na continuação da análise.

Janelas vistas das janelas: janela indiscreta que enquadra momentos e ritmos cotidianos. A janela faz parte da cena e interage

Esta poética de olhar para as outras janelas, desnudando as novas funções, é o que nos induz a admitir um olhar indiscreto e recíproco, fomentado por outras intimidades incorporadas em nossas vidas e nas paisagens cotidianas pela amplitude da janela. Observamos os vizinhos através da janela da casa e, assim, apreendemos a transpassar o olhar pelo olho da *nossa* casa e pelo olho da casa do vizinho.

As janelas vistas da janela é o significado de *Janela Indiscreta* (1954) que perscruta a vida da vizinhança, presente nas dezenas de janelas postas ao olhar privado, a partir de uma intimidade em contato direto com a intimidade das outras janelas, seja do outro lado da rua, da praça, em distâncias de ruas e quarteirões, é que temos hoje ao nosso dispor vidas expostas.



Cena de *Rear Window* (1954)

Fonte: <http://onthesetofnewyork.com/rearwindow.html>

A genialidade de Alfred Hitchcock ante o tema, nos motiva ao movimento junto à janela em posição dinâmica e não em posição estática qualquer pois somos atores de um jogo de observador e observado estando sempre em dupla posição. Não há turno entre um e outro, ou seja, o ator e o observador ocorrem em simultaneidade. Somos o Músico criando incessante melodia em busca do sucesso; o Recém Casal em núpcias que aos poucos ganha a rotina matrimonial; a Miss Torso e seus admiradores que aos poucos se vão; a Coração Solitário que passa o tempo à procura do romance de sua vida; entre outros tantos personagens.

Com Hitchcock, as dinâmicas expostas por esta abertura da parede que separa espaços do que convencionamos ser o lugar da vida íntima e privada, nos provoca a reposicionar o posto de investigação para o desafio de ler histórias contadas em recortes e momentos. Ainda nos faz reconhecer e admitir que a janela pode, considerando Latour (2008), ser o objeto em uma análise de actor-rede de periodicidade imediata ou de complexa periodicidade tão alongada quanto o processo civilizacional.

Um objeto que permite a compreensão de um grupo e uma rede, seja no processo de sua instalação no edifício, ou no momento posterior, nos processos de registros cotidianos interessantes em são criadas circunstâncias de acordo com quem observa, importando sua posição, suas características físicas e tecnológicas, se aproximando desta feita da lógica analítica da Teoria Actor-Rede (TAR).

Entretanto, por mais instigante que seja a operacionalização da metodologia da TAR, a análise segue pelos ritmos e recortes da cena urbana resultado do enquadrado e não enquadrado pela janela, dos efeitos de sua existência, de uma identificação a quem esta abertura está a servir. A posição da janela importa.

Por isto, recorre-se a uma breve história da janela associada ao ato do olhar a partir de seu olho caseiro para outro olho caseiro ou, transpassando dezenas de outros olhos caseiros em registro contínuo de uma fachada. A janela-vitrine.

Janela vitrine. Além de olhar, contemplar; a janela é lugar para ser contemplado, olhado

Há também o momento de se expor à janela com propósito de ser olhado, numa janela vitrine. Mesmo percebendo que estamos constantemente, no tempo de nossas vidas, postos a ser observados, normalizando esta realidade, como se em vitrines de rua estivéssemos expostos, queremos apresentar algo admitido por Bourdieu (2007) no ato da distinção. Uma apresentação social atraente suficiente para passarmos ao largo e espreitarmos para ver a novidade, ou nos deter para saber o que ocorre, seja para reconhecer ou ser reconhecido. A vitrine, neste caso, é de dupla ligação, somos também o objeto de espreita e intuímos e utilizamos esta sensação e este saber para nos expor e nos colocar para o outro que nos observa, marcando nossa posição, demonstrando nosso *habitus*.

Há exemplos ao longo da história. Por trás da janela fechada, a mulher no século XIX põe-se à janela sob a vigilância do marido. Bem vestida, emoldurada por cortinas de cetim, seda e bordados, observa o movimento da rua e imagina os cheiros e ruídos, numa participação desejosa à distância, enquanto o jovem aristocrata em janelas escancaradas se coloca em posição de conquista e sem barreiras. Domina a nova urbanidade desta cidade moderna, que surge a partir das grandes transformações urbanas do modelo de Hausmann.



Femme à la fenêtre (1880); Jeune homme à la fenêtre (1875)
 Fonte: https://en.wikipedia.org/wiki/Gustave_Caillebotte

Isto é o que registram as delicadas e perceptivas pinturas de Gustave Caillebotte, à esquerda (*Intérieur, Femme à la Fenêtre*, 1880), e à direita (*Jeune homme à la fenêtre*, 1875). O jogo de dominação e classe ficam claros e colocados. Por um lado, não sabemos quem são a mulher ou o jovem, as faces não se revelam, mas sabemos quem é o homem por trás da mulher e sua autoridade fica estabelecida. Por outro, a janela vitrine é a janela da classe poderosa à época das grandes transformações do século XIX. O luxo, a amplitude, a altura e a distância da rua representam distinção e poder, pois, só era possível ver aqueles que estão à janela quando estes o permitiam e o desejavam, quando autorizavam ou eram autorizados à exposição.

As janelas do outro lado da rua, dos outros edifícios são outros olhos da mesma classe, não precisam de tantos ritos para se aproximar. Assim, os olhos das casas estão sempre próximos, vistos e protegidos pelos da mesma classe e extrato social em uma exposição constante, desejada para se afirmar entre pares, ao demonstrar suas posses, apresentando o que compõe sua casa ao deixar seus recheios à vista, antes emoldurados por belas cortinas rendadas e de veludo.

Em classe diferente, a janela é a representação de uma carência, é o próprio luxo. Não há tantas janelas em Liverpool ou Manchester desta mesma época, como relata Engels (2008) na mais forte descrição das condições da classe operária inglesa, o que marca o passado industrial e urbano do século XIX.

Entretanto, quase um século depois, em Liverpool, durante os anos 70 do século XX, reproduz-se em similaridade as vivências expostas por Engels, em que a condição da classe operária ainda disputa melhor espaço. Na disputa de luz vinda de uma janela que tem que aquecer uma família surge um fator de resiliência que identificamos como o *holding* de Winnicott (1988), observado na medida de uma janela e na cena enquadrada pela luz em que uma avó e netos estão à espera dos que buscam o sustento. Uma cena que invoca a *dádiva* de Mauss (1988) e a *dívida positiva* de Godbout (2000).



Liverpool

Fonte: <http://streetsofliverpool.co.uk/tag/liverpool-pics/page/6/>

Estas imagens nos provocam e induzem a uma defesa que ter janela acabou por pressupor poder económico, uma definição da posição social de uma família. Assim como ter ou não ter casa, e na medida intermediária ter ou não ter janela se materializou como fator determinante em uma narrativa de diferenciação de propriedade e posição social. A janela é de classe.

Esta leitura se apoia em outro fato concreto. A sociedade inglesa, entre 1696 e 1851, sofreu com uma tributação hoje considerada absurda, ou no mínimo inusitada, que traduz um contexto e uma classe. *Window Tax*, o imposto sobre a janela, permite uma percepção da dimensão social que a janela adquiriu.

Entender seu surgimento auxilia na leitura. O rei William III da Inglaterra, na necessidade de reorganizar a arrecadação da Coroa, após cortes determinados pela Câmara de Comuns, encaminha proposta ao Parlamento de novo tributo, por meio do *Act for granting to His Majesty severall Rates or Duties upon Houses for making good the Deficiency of the clipped Money*, que impõe cobrança sobre os imóveis dado o número de janelas.

Segundo Oates e Schwarb (2015), este tributo surge em substituição ao tributo sobre fogos – *hearth tax* –, que durou de 1662 a 1689, em que se cobrava por cada lareira ou outros fogos encontrados na habitação (Marshall, 1936; Green, 2010), o que obrigava ao coletor – *chimney man* – a adentrar a casa para verificação, ato percebido como criminoso à santidade e intimidade das famílias. O novo tributo apresentava-se de forma simples e eficiente por sua estrutura de cobrança determinada por faixa: até 10, entre 10 e 20 e mais que 20. Segundo Oates e Schwarb, estas faixas foram alteradas inúmeras vezes, passando a até 10, entre 10 e 14, entre 15 e 19 e mais que 20. Um dos primeiros impostos sobre propriedade pago ao Estado, com a peculiaridade de que não era cobrado ao proprietário, mas ao ocupante.

Com 155 anos de duração na Inglaterra (1696-1851), o tributo provocou um profundo efeito na sociedade inglesa, nos projetos e construções que observavam a quantidade de janelas pelas faixas (*idem*), com modificação paulatina dos hábitos, num aprendizado de longo prazo, nos termos admitidos Elias (1993), influenciando sobretudo na classe operária nas formas de coabitação, de compartilhar e viver nas moradias urbanas.

Em nossa percepção houve a reincorporação da escuridão aos lares operários, em um retorno a caverna. Escuridão e compartilhamento de casas por diversas famílias. Nos lares operários a escassez de janelas marca a construção de *habitus* em um processo de longo tempo, de quatro a cinco gerações, que nasceram sob os efeitos do imposto numa construção. Aqui podemos admitir que Bourdieu e Elias estabelecem um diálogo.

Em *A Riqueza das Nações*, Adam Smith, de forma sucinta, argumenta sobre o efeito do imposto na vida dos ocupantes, buscando demonstrar que a variação do valor económico de possíveis rendas auferidas de um imóvel rural e de um imóvel urbano não eram compatíveis com a tributação gerada, tendo como critério, apenas o número de janelas. Para Smith parecia-lhe incabível a fórmula, pois incidia com maior peso nas propriedades rurais e naqueles que possuíam menos possibilidades de auferir renda.

Janelas emparedadas, custos sociais e custos da classe. Janelas da revolução à janela moderna no mundo operário

Vários países utilizaram a tributação sobre janelas com variações quanto e a quem era devido o pagamento. A França proporciona uma boa referência por disseminar a aplicação da arrecadação nos territórios ocupados na época napoleónica e por ser um dos países que mais tarde aboliu a taxação (1798-1926).

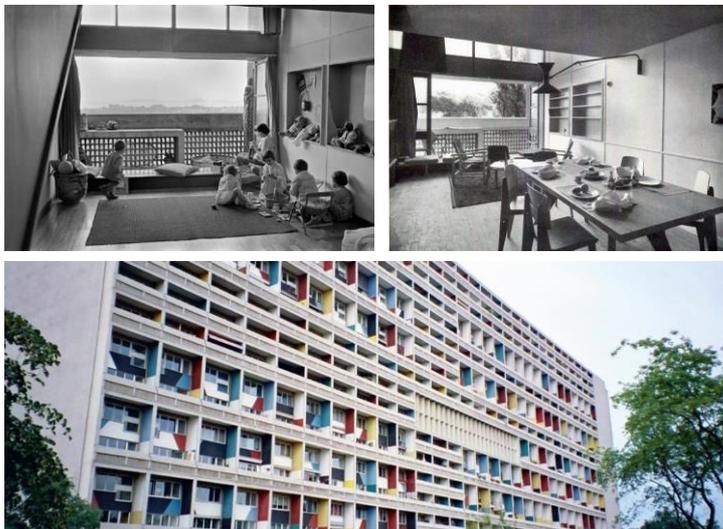
No caso da França o imposto era cobrado ao proprietário e a fuga à tributação caracterizou-se por uma solução individual com o emparedamento de janelas, modificando a

paisagem urbana de Paris em determinados pontos. Hoje, as janelas emparedadas são uma curiosidade parisiense.

As fachadas se tornam cegas à rua e, mais uma vez, remontamos a imagem da caverna com apenas entrada e poucas aberturas, as quais são disputadas por famílias de uma classe de operários urbanos dos séculos XVII, XVIII, XIX e início do século XX, que compartilham casas em estado precário.

Esta condição de escuridão e insalubridade que a falta de luminosidade e ventilação causam à vida dos habitantes era evidente e torna-se foco da crítica para aqueles que propunham mudanças radicais nas cidades e nas casas. Dentre estes críticos é importante destacar os integrantes do movimento moderno na virada do século XIX e XX.

A Bauhaus e os primeiros Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna - CIAM (Mumford, 2002) preconizavam a nova casa, a moradia para os trabalhadores. Ernst May, por exemplo, já transformava em realidade esta perspectiva na cidade de Frankfurt pelos planos urbanos e casas operárias. O II CIAM em 1928, sob o tema – *Die Wohnung für das Existenzminimum* – (Apartamento para o mínimo de subsistência ou habitação mínima) e Le Corbusier com *Por uma Arquitetura*, são manifestações de libertação das janelas, que declaram o que os operários deveriam exigir, como mais e maiores janelas.



L'Unité d'habitation - Marselha, França. Le Corbusier

Fontes: Foto 1 e 2: <http://www.fondationlecorbusier.fr>; abaixo: <https://historq.wordpress.com/2012/11/23/aula-5-le-corbusier-2a-parte-1930-1960/>

As novas janelas deveriam entrar no repertório da Arquitetura e não é por menos que o edifício manifesto de Le Corbusier, *L'Unité d'habitation de Marselha*, era o modelo da modernidade pretendida, com uma única janela que se estendia por toda a unidade.

Era a revolução da luz para a classe operária francesa e um exemplo da arquitetura moderna.

Edifícios no mundo seguem a fórmula dos panos de vidro que agora compunham as fachadas nas mais diversas edificações. Nos casos em que se seguiu a fórmula corbusiana, o que separa agora as pequenas unidades de habitação social da rua é um pano de vidro que compõe a janela-parede.

A luz entra como nunca na casa operária e a intimidade é também escancarada, as histórias familiares agora são inteiras e apresentadas a todos, em uma performance cotidiana, às vezes escondida por uma cortina que se abre e fecha durante parte do dia. À noite, esta cortina se torna um teatro de sombras.

Um novo léxico estético toma conta do mundo e tem diversos representantes e, no Brasil, um outro edifício manifesto da Arquitetura Moderna, ganha a interpretação em curvas e desenho. O Copan, projeto de 1954 em São Paulo, é o exemplo de Oscar Niemeyer para a arquitetura moderna aplicada à habitação social, em pleno centro da capital paulistana.



Edifício Copan - São Paulo. Oscar Niemeyer

Fontes: <https://analisidelproyectodearquitecturaypaisaje.wordpress.com/2012/12/25/27-copan-oscar-niemeyer/>

A fachada já não era mais uma expressão qualquer e os olhos da casa, as janelas, não mais eram vistos como uma representação imagética que podia dar uma leitura humanizada ao edifício.

Parecia que a luz não sairia das casas, mas o Copan, entre tantos outros edifícios, não escapou às críticas que o movimento moderno acabou por incentivar a uma arquitetura internacional. Uma estética global que carecia de história e identidade cultural com o território em que surgia (Frampton, 2000).

A crítica contribui para algumas preocupações pragmáticas no contexto da sociedade, questionando alguns axiomas, como a janela ampla, ao evocar, na atualidade, uma releitura baseada na minimização dos custos de produção. As janelas, agora, janelas a partir de cautelosas planilhas para que não cause impacto nos valores finais de comercialização do produto/objeto casa.

A poética se perde em técnica, no processo atual de produção de cidades e moradias em que as discussões sobre a viabilidade habitacional conquista escala global, em que as disputas por espaços e localidades passíveis ao morar interferem nas ações governamentais e comunitárias, em que as diversas formas de morar tendem a uma homogeneização com o objetivo de aquisição de propriedade (Tibaijuka, 2013).

Os novos projetos reorientam a estética, compatibilizando-a com uma redução dos olhos. Tais projetos agora miram numa estética que seja viável num orçamento imediato, afastando critérios de ganhos de longo prazo que se detêm na qualidade e acesso da luz, fruição da paisagem que não ganha peso na planilha de custo.

Janelas à noite. Um fim de texto

Neste breve texto, analisou-se a janela como elo entre o dentro e o fora da casa.

No percurso foi importante identificar abordagens possíveis como a Ritmanálise (Lefebvre, 2004; Bachelard, 1988) e a Teoria do Actor-Rede (Latour, 2008), bem como reconhecer que o contributo de Elias (1993) quanto à análise de tempos longos que possibilitam uma leitura de evolução da sociedade e do processo de distinção (Bourdieu 2007) apresentam a janela como um elemento adaptável a uma representação e identificação de classe.

Não por menos que ao tomar a *Window Tax* inglesa e francesa, reconheceram-se influências importantes na origem de alguns elementos e axiomas do movimento moderno associado ao CIAM. Se, considerada esta única influência, já seria relevante a digressão inicial, entretanto empreenderam-se outras questões como a exposição e sociações que a janela permite. Exercícios de poder puderam ser encontrados, considerando o critério de avaliação de riqueza na Inglaterra durante 155 anos por contagem de quantidade de janelas, independente dos tamanhos e localidades.

Como interação em Simmel (1996) e ponto de observação social em Lefebvre (2004), poderia ser facilmente associada ao elemento de vigília social e construção de laços que Jacobs (2000) observa necessários e que foram fragilizados nos bairros sociais modernistas das cidades americanas. A janela como olho social.

Por fim, a casa e seus componentes são ricos em desafios de análise sociológica e a janela se apresentou como pertinente a uma leitura inusitada com uma evolução que se confunde com critérios de identificação de classe.

Novas janelas podem surgir como os ecrãs de nossos computadores e smartphones, mas a tradicional abertura da parede ainda tem muito que contar.

Referências bibliográficas

- Bachelard, G. (1988), *A dialética da duração*. São Paulo: Ática.
- Bachelard, G. (1993), *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bourdieu, P. (2007), *A distinção*. São Paulo: Edusp.
- Carlson, R. H. (2005) A brief history of property tax. Fair and Equitable, 2. Consultado a 12 junho de 2018, disponível em <https://www.amanj.org/sites/default/files/files/Carlson.pdf>.
- Ching, F. D. K., Jarzombek, M. M.; Prakash, V. (2017), *A global history of architecture*. Hoboken, USA: John Wiley & Sons.
- Elias, N. (1993), *O processo civilizador* [Vol. 1]. São Paulo: Zahar.
- Engels, F. (2008), *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Boitempo.
- Frampton, K.; Fischer, J. (2000), *História crítica da arquitetura moderna*. São Paulo: Martins Fontes.
- Green, A. (2010), *The Economic History Review*, 63(1), 239-240. Consultado a 12 de junho de 2018, disponível em: <http://www.jstor.org/stable/27771579>.
- Godbout, J. T. (2000), *Le don, la dette et l'identité*. Paris: La Découverte
- Jacobs, J. (2000), *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes.
- Jarzombek, M. M. (2013), *Architecture of first societies: A global perspective*. Hoboken: John Wiley & Sons.
- Latour, B. (2008), *Reensamblar lo social - una introducción a la teoría del actor-red*. Buenos Aires: Manantial.
- Le Corbusier (1994), *Por uma arquitetura*. São Paulo: Perspectiva.
- Lefebvre, H. (2004), *Rhythmanalysis: Space, time and everyday life*. London: A&C Black.
- Marshall, L. M. (1936), "The levying of the hearth tax, 1662-1688", *The English Historical Review*, 51(204), 628-646. Consultado a 12 de junho de 2018, disponível em

https://www.jstor.org/stable/554438?seq=1#page_scan_tab_contents.

Mauss, Marcel (1988), *Ensaio sobre a dádiva*. Lisboa: Edições 70.

Mumford, E. P. (2002), *The CIAM discourse on urbanism, 1928-1960*. Cambridge, USA: MIT press.

Oates, W. E.; Schwab, R. M. (2015), “The window tax: A case study in excess burden”, *Journal of Economic Perspectives*, 29(1), 163-80. DOI: 10.1257/jep.29.1.163. Consultado a 9 de abril de 2018, disponível em <https://www.aeaweb.org/articles?id=10.1257/jep.29.1.163>.

Platão, A. (2014), *A República*. São Paulo: Martins Fontes.

Simmel, G. (1996), “A ponte e a porta”, *Revista de Ciências Sociais - Política & Trabalho*, 12, consultado a 6 de maio de 2018, disponível em <http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/politicaetrabalho/article/view/6379/19750>.

Smith, A. (2017), *A riqueza das nações*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Tibajuka, A. (2013), *Building prosperity: Housing and economic development*. London: Earthscan.

Winnicott, D. W. (1988), *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago.

Filmes

Arnaud, J. (1981), *Le Guerre du Feu* [Film]. França e Canadá: Jean-Jacques Arnaud.

Alfred, H. (1954), *Rear Window* [Film]. Hollywood, USA: Alfred Hitchcock.



Centro de Estudos Sociais
Laboratório Associado
Universidade de Coimbra

A Cescontexto é uma publicação online de resultados de investigação e de eventos científicos realizados pelo Centro de Estudos Sociais (CES) ou em que o CES foi parceiro. A Cescontexto tem duas linhas de edição com orientações distintas: a linha "**Estudos**", que se destina à publicação de relatórios de investigação e a linha "**Debates**", orientada para a memória escrita de eventos.

CES

Colégio de S. Jerónimo
Apartado 3087
3001-401 Coimbra, Portugal
T. +351 239 855 570
F. +351 239 855 589
www.ces.uc.pt
ces@ces.uc.pt

CES - Lisboa

Picoas Plaza
Rua do Viriato, 13
Lj 117/118
1050-227 Lisboa, Portugal
T. +351 216 012 848
F. +351 216 012 847
www.ces.uc.pt/ces-lisboa
ceslx@ces.uc.pt

